



A previsão é de que o museu abra agora em novembro, aproveitando a reserva técnica do Museu de Arte Moderna e deixando para os índios um museu no Rio

■ Estrutura

O projeto original do prédio do Planetário previa a existência de um aquário na parte superior do edifício, mas por falta de verbas para estruturas reforçadas não foi levado adiante. Mesmo assim quis a avançada tecnologia alemã de equipamentos para planetários que o brasileiro pudesse desfrutar a ilusória sensação de estar observando os céus até hoje.

São 140 projetores auxiliares e um projetor principal que apresentam sobre uma cúpula de projeção de 12,5 imagens para 139 pessoas sentadas. Há quatro programas sobre astronomia para crianças, adolescentes e adultos: *Pedrinho e o Vagalume*, *Amiguinho Sol*, *Robozinho Blitz* e *as Estrelas*, além do *Viagem pelo Sistema Solar*.

Os programas são criados pelos professores desde a pesquisa bibliográfica até a edição final entre o texto e a imagem. Eles mostram os céus do passado do presente e do futuro — graças a cálculos astronômicos precisos — com rapidez muito superior aos movimentos dos astros em suas trajetórias pelo espaço afora.

No Brasil existem cinco planetários iguais ao de Brasília e outros cinco de menor porte em operação. De olho na durabilidade dos equipamentos, fabricantes japoneses e americanos criaram um sistema de automação para planetários que permite a introdução dos recursos da computação gráfica nas projeções. (AM)

A briga entre índios e contemporâneos pelo museu parece estar terminando

Aquele prédio branco localizado na Praça do Buriti, entre o Memorial JK e a Praça das Fontes, planejado por Oscar Niemeyer para abrigar o Museu do Índio e hoje reservado para ser o Museu de Arte Contemporânea, deverá finalmente ser aproveitado. O Ministério da Cultura está finalizando um convênio com a Fundação Banco do Brasil e o Museu de Arte Moderna, pelo qual o prédio será reformado e ocupado por parte do acervo do MAM.

A proposta do MinC é aproveitar a reserva técnica (obras fora do acervo) do Museu de Arte Moderna para formar o acervo inicial do futuro MAC de Brasília. Além das obras “doadas” pelo MAM, o Museu também contaria com as dezenas de peças de arte contemporânea espalhadas por órgãos públicos e empresas estatais. O MAM seria também o gestor do Museu de Arte Contemporânea.

A informação foi passada pelo Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural (IBPC) de forma não oficial, pois o convênio tripartite vem sendo encaminhado pelo MinC e pela Fundação Banco do Brasil. No Ministério da Cultura e na Secretaria de Cultura do Distrito Federal, entretanto, ninguém se arrisca a fazer um prognóstico sobre o futuro do ex-Museu do Índio (aquele que foi sem jamais ter sido).

Pajelança sobre tela

Inaugurado em 1988 pelo então governador José Aparecido, o prédio foi idealizado por Oscar Niemeyer para homenagear a cultura indígena, tanto que sua arquitetura lembra uma oca. As vésperas de sua inauguração, o governo mudou de ideia e decidiu reservar o espaço para um inédito Museu de Arte Contemporânea. A decisão irritou os índios, que fizeram uma pajelança em

meados de 1989 amaldiçoando o local. Enquanto não fosse devolvido aos aborígenes, o museu não teria qualquer sucesso.

Segundo Lúcia de Biasi, do IBPC, o MinC está empenhado em dar uma solução ao prédio, tombado pela Unesco juntamente com as demais obras de Niemeyer. “A intenção do MinC é restaurar o Museu do Índio que já existe no Rio de

Janeiro, liberando aquele prédio para a Arte Contemporânea”, afirmou a assessora.

Abandono — Enquanto o convênio não sai das intenções para o papel, e deste para a realidade, a obra de Oscar Niemeyer continua completamente abandonada. Vidros quebrados, paredes moladas e pichadas, equipamentos estragados e restos de comida compõem o quadro, tristemente contemporâneo, do que se pretende ser um museu. “Já apareceu até um coronel da PM aqui, querendo que o local virasse um posto policial”, informou o guarda contratado para vigiar o prédio.

Ao completar o quinto aniversário, o ex-Museu do Índio tornou-se um tabu entre as autoridades culturais. “Ninguém gosta de comentar esse assunto, parece que só em falar sobre o museu dá azar”, ironizou um funcionário da Fundação Cultural do DF. Em março deste ano, por exemplo, o **CORREIO BRAZILIENSE** noticiou esse mesmo convênio entre o governo e o MAM, dando como certa a recuperação imediata do prédio e a instalação do museu. Sete meses se passaram e o assunto continua na mesma.

Resta saber se a vontade política do novo ministro da Cultura, Jerônimo Moscardo, é mais forte que a mágica dos pajés Sapaim e Preporê, responsáveis pela maldição. Enquanto isso não acontecer, ou os índios desfazem a maldição ou os governantes devolvem ao índio o que é do índio.

■ Roberto Seabra

Onde encontrar



Museu do Índio

— Com acervo do Museu de Arte Moderna. Localizado no Eixo Monumental, em frente ao Memorial JK.



Planetário

— Observatório com os programas *Pedrinho e o Vagalume*, *Amiguinho Sol*, *Robozinho Blitz* e *as Estrelas* e *Viagem pelo Sistema Solar*. Localizado no Eixo Monumental, ao lado do Centro de Convenções.

Público poderá ter Planetário ainda este mês

Os brasileiros podem voltar a ter esperança de contar, com o Planetário como opção de lazer. Esse espaço cultural, assim como outros da cidade, está em uma fila de projetos que a Fundação Cultural do Distrito Federal (FCDF) vai apresentar à iniciativa privada para serem adotados.

Enquanto isso não acontece, o Planetário tem que esperar a boa vontade administrativa da FCDF. Em seus quase 20 anos de existência ele já paralisou suas atividades mais de cinco vezes por longos períodos, principalmente por falta de verbas para manutenção do sistema de som e imagem.

As revisões deveriam ser anuais ou no máximo bianuais. O equipamento só recebeu uma revisão geral em 1985. Ao longo desse tempo, os professores da Fundação Educacional (FEDF), treinados para manusear o sistema, têm feito esse trabalho sem conhecimento técnico profundo e sem dispor facilmente de peças de reposição. “A

gente gosta do que faz e quer ver o Planetário funcionando, por isso a gente estuda os manuais (em alemão) e faz o que pode”, afirma o coordenador do Planetário, professor Edemir Américo.

Orçamento — O ar condicionado e os carpetes da sala estão com suas vidas úteis ultrapassadas. Para essa parte da reforma a diretora da FCDF, Maria Luiza Durnas, garante que há previsão no orçamento do ano que vem e vontade administrativa de eleger como prioridade a restauração do espaço.

Outro problema prestes a se resolver, segundo Luiza, é o da cessão dos professores da FEDF para o Planetário. Por não dispor, em seus quadros, de pessoal especializado para montar os programas sobre Astronomia, operar as máquinas e ainda atender ao público, a Fundação Cultural fez um convênio com a Educacional para cessão de professores. O acordo não vinha sendo vantajoso para os cedidos porque eles não recebiam a gratificação “pó de giz” (cerca de 35 por cento a mais no salário) e ainda se viam prejudicados em sua ascensão funcional por estarem afastados da sala de aula.

Depois de muita negociação entre as duas Fundações, novos professores chegaram em julho e começaram um treinamento para o início de suas novas atividades educacionais. Mas novo problema técnico na aparelhagem impediu o aprendizado.

Resolvido o problema, o Planetário já voltou a operar durante a semana com as escolas públicas e privadas da cidade e agora em novembro, garante a diretora da FCDF, volta a atender o público em geral.